
MUNDO DA VIDA E VIDA FINANCEIRA: A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA HUSSERLIANA FRENTE ÀS CULTURAS DE FINANCERIZAÇÃO DA VIDA, DO ENDIVIDAMENTO E DO CONSUMISMO¹

Jean Marlos Pinheiro Borba²

RESUMO: Apresento reflexões sobre o mundo da vida contemporânea via percepção de evidências concretas que emergem nas relações entre o homem, o consumo e o endividamento. Os bancos, as instituições financeiras, o comércio em geral e os meios de comunicação de massa oferecem inúmeras oportunidades para serem “aproveitadas”, desde ofertas de aquisição de produtos e serviços, principalmente serviços financeiros, como a tomada de empréstimos, parcelamento de compras e dívidas com cartão de crédito até o uso de

¹ Ideias iniciais deste ensaio foram apresentadas em forma de comunicação oral durante o I Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais disponível em: <http://www.psiexistencial.com.br/programacao_lusobrasileiro_2012.pdf> e aprofundadas em minha tese de pós-doutoramento em Filosofia no IFCS sob o título MUNDO-DA-VIDA (LESBENWELT) E CONCRETUDE EXISTENCIAL: para uma psicologia fenomenológica da vivência financeira.

² Pós-doutorando em Filosofia (Programa de Pós-graduação em Filosofia- IFCS/UFRJ); Doutor em Psicologia Social (UERJ). Mestre em Administração (UFPB- Finanças das Empresas). Psicólogo e bacharel em Ciências Contábeis (1997). Professor do Departamento de Psicologia e Colaborador do Programa de Pós-graduação em Saúde e Ambiente da UFMA; Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Fenomenológica.

parcelamento para tratamentos estéticos. A essência da sociedade contemporânea é de uma vida financeira voltada preferencialmente por ações de consumo e contração de dívidas como processos “naturais” da condição de ser-no-mundo, nesse sentido os homens contemporâneos são seres-para-o-consumo, seres-para-o-endividamento. O número de endividados e consumistas cresce em escala exponencial, esse modo de vida se naturalizou. A psicologia fenomenológica fornece condições de “ver” diretamente como o homem contemporâneo está-no-mundo e se configura numa atitude intelectual rigorosa de análise do vivido. As evidências atuais mostram a emergência de uma cultura do endividamento e do consumismo que é “estimulada” pelas estratégias capitalistas de subjetivação, culturas que foram naturalizadas na sociedade contemporânea. A Psicologia Fenomenológica é capaz de contribuir para clarificar a emergência do modo de ser e estar no mundo que o homem, em atitude ingênua escolheu se manter. A fenomenologia enquanto atitude intelectual pode permitir ao homem em situação de crise e perda de sentido da vida, por apego ao consumismo ou endividado, a possibilidade de (des) naturalizá-los. A naturalização das práticas de consumo e de endividamento, principalmente, as práticas de estímulo ao endividamento, se constituem como modos de ser-do-endividado e podem vir-a-ser re-significadas caso o homem em crise se permita ver tal condição.

Palavras-chaves: psicologia fenomenológica; fenomenologia; mundo-da-vida; vida financeira; endividamento; consumismo.

INTRODUÇÃO

Financeirização da vida, endividamento e consumismo são fenômenos característicos da cultura contemporânea. Fenômenos estes nos quais o apego ao dinheiro, à tomada de crédito, ao endividamento e ao consumismo se fazem cada vez mais presentes. Estes fenômenos possibilitam repensar a existência, preferencialmente nas relações que são possíveis de se estabelecer com o mundo da vida contemporâneo costumeiramente atravessado por relações creditícias e financeiras. Tais questões estão diretamente relacionadas com o modo de ser e estar no mundo do homem contemporâneo, ou seja, com o estilo de vida resultante das escolhas e das circunstâncias que se revelam para mim e a muitos de nós que em algum momento escolhem endividar-se ou tornam-se endividados passivamente.

Como profissional oriundo da área contábil-financeira e com formação em Psicologia, tenho intencionalmente buscado realizar diálogos que possibilitem conhecer e compreender as relações do homem com o mundo, mediados pelo dinheiro, crédito e tecnologia. Nesse diálogo Filosofia, Sociologia, Direito e Psicologia são áreas do conhecimento que ampliam e tangenciam reflexões sempre de modo compreensivo e não explicativo natural.

De 1997 a 2000 desenvolvi estudos sobre o sistema de cartões de crédito no país³, período no qual foi possível conhecer e compreender como o sistema mantém estratégias para conceder crédito, cobrar e calcular o risco das operações. Nestes estudos, busquei compreender empírica e cientificamente como as empresas conduziam suas políticas e análise da relação entre risco e cobrança na concessão do crédito. Este estudo quantitativo não avançou em diálogos nem com a filosofia, tampouco com a psicologia, pois a imersão feita era no mundo da ciência financeira, época na qual defendi ingenuamente as “leis” dessa área de conhecimento. Trabalho não menos importante, mas essencial para conhecer um dos lados da moeda tão presente nas relações de consumo atual.

No período de 2008 a 2011 trilhei um caminho direto ao mundo da vida, via livros de “autoajuda” financeira e suas relações com consumo, o capitalismo e a hipermodernidade, tendo como modos de ver a Fenomenologia e a Teoria Crítica. A reunião de áreas críticas à matematização da vida e da sociedade, possibilitaram (des)naturalizar o cenário contemporâneo das estratégias capitalistas de subjetivação implícitas no mundo do crédito e do consumo. O modo escolhido foi o fenomenológico que busca ver em “carne e osso”, como nos ensina Guimarães (2008) citando Husserl os fenômenos que surgiram nessa caminhada. Reunir inquietações e

³ Este estudo resultou no livro: Sistema de Cartões de Crédito no Brasil: análise das políticas de crédito, risco e retorno, publicado pela EDUFMA em 2008.

pensamentos de áreas diferentes e inclinar-se sobre a aproximação entre as finanças e a psicologia têm sido um exercício intelectual e vivencial cada vez mais profícuo.

Nesse processo de “escavação” fenomenológica apareceram um universo de livros, estudos e pesquisas que tem se constituído nas evidências que testemunham a histórica relação entre dinheiro e subjetividade, hoje cada vez mais encoberta pela técnica. A aproximação com os estudos de Georg Simmel e outros autores da Psicologia Econômica revelam, cada vez mais, um campo de possibilidades de investigação.

No presente artigo tentarei demonstrar como no mundo da vida contemporâneo, que aqui escolho para nomear mundo da vida financeira, pois no atual momento da sociedade contemporânea as relações estão cada vez mais marcadas pelo Deus- Dinheiro, como nos assegura Simmel. Teorizar e ver o mundo da vida como tema central revela outros inúmeros fenômenos que demonstram o grau de saúde e adoecimento dos homens no mundo da vida.

As evidências que se apresentam diariamente na mídia televisiva, impressa e virtual confirmam o quanto o dinheiro, o consumismo e o endividamento se tornaram elementos centrais da vida contemporânea. Borba (2015) identificou alguns desses movimentos irracionais na busca do consumo e do endividamento como fenômenos “psicopatológicos” relacionados ao dinheiro. Os constantes anúncios de luta para obter dinheiro e consumir, em geral apontam concretamente quão violenta estão as relações intersubjetivas. Em geral, a violência é cometida para adquirir o patrimônio alheio ou objetos de consumo que não são possíveis de serem adquiridos pelo trabalho. Assaltos, sequestros, corrupção ativa e passiva, desvio de verbas, lavagem de dinheiro, assaltos seguidos de morte etc.. são alguns dos exemplos que demonstram que os valores associados ao dinheiro, tornaram-se superiores à vida.

Os levantamentos que tenho realizado em jornais sensacionalistas e nos de grande circulação, demonstram e até ridicularizam aqueles que “matam por R\$ 2,00, R\$ 10,00 etc. Programas de auditório também se apropriam das vivências de consumistas e endividados para aumentarem suas audiências, polemizam, formam opiniões, banalizam. Há uma banalização, criminalização com análises superficiais. É preciso compreender o quê é que origina estes atos irracionais numa sociedade tão “racional”.

Naturalizar fenômenos humanos e sociais, “patologias” individuais e/ou sociais tem sido uma constante realidade e que só contribui para o processo de medicalização. “Patologias” diretamente ligadas ao dinheiro, tais como a avareza, o individualismo exacerbado, a corrupção e o consumismo tem sido um foco de muitos meios de comunicação e na maioria das vezes há uma. Trazem também inúmeros exemplos dos problemas que caminham lado a lado com o dinheiro, tais como: avareza, pobreza, luxo, esbanjamento, mesquinhez, sucesso, fracasso, traição, compra e venda de pessoas e acima de tudo a “discreta” tentativa de hiperfinanceirizar as relações humanas e sociais.

Nesse campo minado de sentidos, a Indústria Cultural contemporânea tem construído dia a dia mecanismos para manter a ingenuidade, o comportamento de massa e o consumo motivado pela emoção, pela satisfação momentânea e efêmera, tudo isso respaldado em estratégias que mantêm um modo de ser pautado numa racionalidade instrumental onde prevalecem a valorização da técnica e do dinheiro em detrimento da vida e dos valores humanos. O Ter como modo de Ser, a racionalidade e o pensamento contábil, o consumismo e o endividamento podem ser indicados como traços fiéis do estilo de vida contemporâneo onde habita o homem consumista e endividado. Traços estes que neste estudo ganha um contorno mais evidente, porque não dizer, revelam a concretude existencial da sociedade *líquida* moderna. (BAUMAN, 2010)

Eis a minha intenção! Por fim, o objetivo deste texto é (des)velar as estratégias de “financeirização” da vida que tem, se tornado um modo de retratar os modos de existir e que marcam a plenitude do racionalismo instrumental, da matematização da vida e do pensamento calculista (SIMMEL, 1898).

Pensando na inseparabilidade dos aspectos clínicos dos aspectos sociais, apresento reflexões iniciais que “ousam” (des)velar aspectos que podem ser pensados nas diferentes fenomenologias e filosofias da existência como contribuições para as práticas na clínica e no social, quer seja em instituições ou relações de consumo.

A psicologia clínica de base científico-natural insiste em categorizar o indivíduo como “doente”, como um “sintoma”, integrando-o a um diagnóstico pré-dado, eis a influência que recebeu do modelo médico patologizante que a doença antes da saúde, o ser doente antes do ser saudável, ou o que há de saudável na vida em adoecimento. Quanta ingenuidade nos dirá Husserl (2009). Diante disso, a Fenomenologia e a Psicologia Fenomenológica se insurgem e questionam o positivismo, a positividade da vida, a “métrica” da subjetividade e a tentativa de “enquadrar” o homem em categorias científico-naturais. Psicólogos, fenomenólogos, existencialistas, filósofos, por outro lado insistem em deixar o homem no mundo da vida, em movimento, lançado ao mundo.

Para cumprir essa proposta apresento brevemente: primeiro a dicotomia mundo da vida e mundo da ciência, em seguida percorro a psicologia fenomenológica a partir do olhar de Edmund Husserl e de comentadores contemporâneos e, por fim, discutirei o cenário das culturas do endividamento e do consumismo como “um” modo possível de acessar a essência da concretude existencial.

Para a reflexão proposta parto de dados da realidade tais como

indicadores econômicos e sociais, livros de autoajuda financeira, da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), a de indicadores de endividamento e inadimplência das famílias brasileiras e muitos outros que são utilizados pela ciência como “provas” de crescimento, de progresso e evidências científicas do desenvolvimento, foram aqui (des) cobertos em busca de seus fundamentos no mundo da vida.

A Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic) tem como objetivo orientar empresários dos setores de comércio de bens, serviços e turismo quanto à utilização do crédito, o que eles mesmos chamam de ferramenta estratégica para alavancar as vendas. Esta pesquisa encomendada pela Confederação Nacional do Comércio – CNC, permite à categoria que representa o lado do capitalista, acompanhar o perfil de endividamento do consumidor. A pesquisa intitulada Endividamento e Inadimplência do Consumidor visa fornecer informações sobre o nível de comprometimento da renda do consumidor com dívidas, contas e dívidas em atraso, e sua percepção em relação à capacidade de pagamento. A PEIC, apurada mensalmente pela CNC, coleta dados em todas as capitais dos Estados e no Distrito Federal com aproximadamente 18 mil consumidores.

2 A VIVÊNCIA FINANCEIRA A PARTIR DA COMPREENSÃO DO MUNDO DA VIDA CONTEMPORÂNEO.

A realidade das pesquisas sobre endividamento e inadimplência é uma matematização da realidade vivenciada por centenas de pessoas e esta que tem se apresentado nos meus estudos preliminares, assim como, da reflexão e do diálogo com teóricos que trago aqui um olhar sobre o entrelaçamento entre vida e as questões que envolvem as finanças contemporâneas, dentre elas o próprio adoecimento existencial.

Utilizarei como exemplo os dados divulgados pela Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) da Confederação Nacional do Comércio (CNC). Estes indicam que o endividamento dos consumidores no que diz respeito ao percentual de famílias endividadas aumentou em abril de 2015. O interessante é que a matematização das explicações sobre as relações entre consumo e endividamento evidenciam escolhas, apenas intervalos matemáticos, mas não buscam os fundamentos do processo de endividamento.

Esse rigor na análise do processo de endividamento e consumo pode ser encontrado em Husserl na obra *A Filosofia como ciência de rigor* (1965) que ao criticar o psicologismo, o objetivismo, o historicismo e o cientificismo deixou elementos para compreender a essência da humanidade.

Por isso compreender o consumismo e o endividamento como fenômenos naturalizados coloca diante de mim a herança husserliana e a responsabilidade de compreender e elencar possíveis “saídas” reflexivas para re-estabelecer o lugar que o mundo e a vida ocupam hoje. Deixou-nos assim a missão de repensar o mundo-da-vida, contrapondo-o à perspectiva científica, explicativa e matematizante de naturalização do mundo, da vida e da consciência.

Na tentativa de apontar dois modos equivocados de explicar a realidade Husserl no artigo *A ingenuidade da ciência* (2009) mostra dois tipos de ingenuidade: a primeira é a razão enquanto um problema, um enigma, a razão enquanto pressuposição dela mesma; a segunda ingenuidade consiste em como o cientista considerado homem maduro e esclarecido e nas suas palavras um: “homem de razão é uma subjetividade que atua (*fungieren*)” carrega em seu trabalho pressuposições. A segunda ingenuidade é a desconsideração da historicidade.

Nesse sentido, torna-se ingênuo sustentar o endividamento individual e das famílias como um fenômeno isolado. É necessário com isso (des) cobrir que historicamente a sociedade tem sido levada a aceitar a cultura do consumo e do endividamento como um modo de vida, um modo de ser, e na mesma medida que as patologias que dela surgem tornam-se “doenças” e não processos de adoecimento relacionadas às escolas existenciais. O que vejo atualmente é uma absolutização do endividamento, a psicologização e a judicialização das relação de consumo.

De acordo com Guimarães (2010, p. 2): “O psicologismo é a obsolutização do fato psicológico. Tudo decorre da vida psíquica. Psique é a chave da decifração de todos os mistérios que envolvem a existência humana”. O autor argumenta ser o combate ao psicologismo a motivação central que impele Husserl na criação da fenomenologia, e não seria diferente para mim hoje não manter o foco na clarificação dos interesses do psicologismo no cenário contemporâneo. Vejo um retorno ao mentalismo, às explicações científico naturais e a toda tentativa de adormecer a reflexão em busca de fundamentos rigorosos.

Interessado nas questões que envolviam a Psicologia, a Lógica, a Matemática e a Filosofia Husserl deixou um legado de reflexões muito pontuais que sugerem um novo modo de fazer psicologia, filosofia e ciências, inaugurando por assim dizer o movimento fenomenológico que: “desenvolve preocupações radicais com a questão da estrutura da existência humana, para além da idéia de fato psíquico como fundamento de qualquer modo de saber.” (GUIMARÃES, 2010, p. 3)

A existência humana é para a fenomenologia tema central na análise intencional proposta pelo mestre Husserl e desenvolvida de diferentes maneiras por outras fenomenologias e pelas filosofias

da existência. Por isso, não é possível pensar o mundo da vida sem compreender as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes, no caso deste ensaio, mundo da vida afetado pela financeirização da sociedade e das relações intersubjetivas.

Hoje penso que algumas questões iniciais podem orientar nossas reflexões: 1º.) De que mundo estamos falando? 2ª.) O que diferencia o mundo da vida (*Lesbenwelt*) do mundo (termo corriqueiramente utilizado pela ciência)? 3º.) Que contribuições pode dar a psicologia fenomenológica para o desvelamento das questões que afetam o mundo da vida cotidiano, marcadamente sublinhado pelo consumo, pelo dinheiro e pelo endividamento das pessoas?

O mundo proposto, apresentado e cultivado pelas ciências positivas é o mundo físico dotado de características e propriedades físicas e em geral tratado pela ciência, de modo simplista, como um lugar, um mundo artificial que utiliza um método tecnicizado. Diz Husserl (2009, p. 8): “O método tecnicizado decorre de uma operação com signos e palavras irrefletidos, esvaziados de sua significação e de seus modos de validez originais e próprios.”

E isso é claramente percebido nas análises feitas pela PEIC já que tentam reduzir e não reconduzir o fenômeno às suas origens, oferecendo sempre explicações em termos quantitativos e percentuais. Como nós dirá Husserl ciências de fatos tem linguagem própria e só pode se valer dessa mesma linguagem para terem seus resultados compreendidos, pois no momento em que recorta a realidade, congela o movimento, retira o caráter vivo presente nas análises, reduz e não reconduz, veja:

A proporção de famílias com contas ou dívidas em atraso acompanhou a alta do endividamento na comparação mensal. Na comparação anual houve melhora do indicador. A moderação do crescimento do crédito para as famílias continua permitindo

patamares menores de endividamento e inadimplência este ano em relação ao ano passado. Contudo, a alta do custo do crédito, combinada com um cenário menos favorável no mercado de trabalho, levou a uma piora na percepção das famílias em relação ao endividamento e à capacidade de pagar as contas em atraso. (PEIC, Abril 2015, p. 3)

Conforme discutem Ferraz (2004) e Struchiner (2007) a fenomenologia husserliana trouxe para si a responsabilidade por reestabelecer o distanciamento e o esquecimento que a ciência deu ao mundo da vida. Como assegura Ferraz (2004, p. 1): “O mundo-da-vida está oculto pela impregnação dos resultados científicos na vida intuitiva.”

Os resultados científicos jamais darão conta de conhecer o fenômeno em movimento, será sempre um recorte temporal da realidade. É preciso ter clareza sobre a validade temporal da investigação científico natural, bem como a ingenuidade que a mantém e a serviço de quem ela está.

Se o mundo da vida está impregnado de pressupostos científicos, como pode o homem entrar em contato com esse mundo e sentir, inspirar a sua própria concretude existencial? Sentir a vida pulsando nela mesma?

Guimarães (2008) na direção de ratificar o pensamento de Husserl sobre o mundo da vida apresenta de modo claro como a ciência tenta a todo custo enclausurar o mundo em seu tubo de ensaio.

2.1 Considerações sobre a Fenomenologia, a Psicologia e a Psicologia fenomenológica

É preciso sempre reconhecer o grande impulso dado por Edmund Husserl (1858-1938) e as oportunidades de estarmos aqui hoje discutindo algumas de suas contribuições e daqueles que o

seguiram, modificaram seu pensamento ou o reformularam. Não me recordo ter havido no seio da modernidade movimento filosófico com preocupação psicológica tão evidente e inovadora como o fenomenológico.

Até hoje ao falarmos em Fenomenologia, cada um de nós precisa ter sempre um cuidado em caracterizá-la, não como uma doutrina como fazem os leigos, prendendo-a em caixas epistemológicas ou metodológicas, mas acima de tudo, como um movimento dinâmico, sério, rigoroso que caracteriza a sua própria essência e existência a de ser “fluxo”. Fluxo de pensamentos, ações e reflexões sobre o vivido sempre dispostas a lançar-se no mundo da vida para compartilhamento.

Estar hoje lendo a realidade assim como ela se apresenta é a evidência que para cada um de nós, ratificando o que o próprio Husserl fez, a tarefa central da Filosofia e das Ciências é “estar a serviço da humanidade”. Reconduzi-la aos seus fundamentos.

A fenomenologia não é uma filosofia, uma metodologia ou uma epistemologia de gabinete. Ela é a ciência do mundo da vida, mundo repleto de sentidos.

A Fenomenologia não é uma simples ferramenta como propõem alguns modos de ver da Psicologia. Ela é segundo Husserl (1990) uma atitude e um método intelectual e de rigor. A fenomenologia não pode e nem deve ser usada como uma ferramenta, pois ela traz em si mesma um conjunto interligado de conceitos que se retirados do seu contexto inadequadamente impedem a compreensão do que ela propõe. Alguns autores insistem em dar um caráter instrumental à Fenomenologia, ou seja, quer de método, quer de técnica. Enganam-se, pois ao fazerem isso rompem com os ensinamentos de Husserl (2009) principalmente quando ele destaca o caráter ingênuo dos cientistas.

Como ensina nos Husserl a Filosofia e a Psicologia não devem andar separadas, mas próximas. Cada uma têm modos e orientações próprias de ver a consciência. A psicologia de modo “empírico” como uma continuidade da natureza e a fenomenologia de modo “puro”, ou seja, a própria consciência na orientação fenomenológica. (HUSSERL, 1965)

A Psicologia Fenomenológica é o caminho de acessar o vivido que se revela a consciência de modo intencional, sem subterfúgios, sem a priori, sem teorias que “expliquem” a consciência, mas antes de tudo a compreendam em seu fluxo.

2.2 Por uma Psicologia Fenomenológica da vivência financeira

Em se tratando do ver direto a vivência financeira contemporânea, defendo a tese de que o psicólogo tem nela um cenário fértil para compreender os caminhos como o homem lida com o dinheiro, com os apelos de consumo e crédito fácil, buscando como este fenômeno se revela à consciência. Fazendo é possível problematizar o sentido e o significado que o dinheiro tem para o homem contemporâneo e as implicações deste para a subjetividade.

Nessa direção Simmel (2000, p.56) parece acolher nossa ideia e adverte que o psicólogo precisa considerar essa importância:

(..) a fome de dinheiro é o estado permanente da alma, típico de uma economia monetária realizada. Isso explica porque é que o psicólogo não pode absolutamente ignorar o queixume frequente de que o Dinheiro seria o Deus do nosso tempo, e porque pode, decerto, deter-se nele e descobrir relações significativas entre duas representações, pois é um privilégio da psicologia não poder incorrer em actos blasfemos.

A relação terapêutica, portanto, é uma relação profissional de

compreensão e ajuda, na qual cabe ao psicólogo evitar pré-julgamentos e uso de fórmulas para “resolver” o problema do outro. Partindo da psicologia fenomenológica de Edmund Husserl e de contribuições de outras fenomenologias e de filosofias da existência ele pode, utilizando a atitude e o método fenomenológico, ampliar a consciência do seu “paciente” no sentido de mostrar à pessoa os horizontes possíveis do exercício da sua liberdade e das escolhas que faz no mundo.

Diante dos fenômenos que aparecem à consciência, o que pretende a Psicologia Fenomenológica?

Quem melhor pode ser consultado para responder a essa questão é o próprio Husserl em sua obra *Phenomenological Psychology* (1925/1977) e alguns dos seus comentadores que se preocupam em estabelecer a fiel relação entre psicologia e fenomenologia, dentre eles estão Forghieri (2002), Penna (2006), Goto (2008), Giorgi e Sousa (2010), Sokolowski (2010). Psicologia Fenomenológica é Psicologia Pura e Intencional, pois Husserl assegura só ser possível à Psicologia retornar ao fundamento por meio da fenomenologia, deixando de lado a perspectiva científico natural que a fez tornar-se ciência natural da consciência.

Giorgi e Sousa (2010, p. 45) oferece uma resposta à questão:

A Psicologia Fenomenológica distingue-se pelo seu caráter reflexivo. Não sendo a consciência autoclarificadora, de forma imediata, sobre o conteúdo dos atos intencionais, necessitará de os explicar a posteriori. Dando estes passos, Husserl não excluindo o âmbito de ação da psicologia experimental, desvela um novo horizonte de investigação a análise fenomenológica da consciência intencional. Um contributo notável era dado, abolindo uma visão exclusivamente naturalista da consciência humana.

A Psicologia Fenomenológica permite ao homem em crise

buscar horizontes e abertura no modo de ver os fenômenos que se apresentam a ele, a fim de que seja possível perceber o modo como tem conduzido sua existência e o modo como se relaciona com os outros no mundo. Cabe ao psicólogo auxiliar nessa caminhada.

Nessa direção, os adeptos da psicologia fenomenológica buscam ampliar as relações consciência-mundo da vida e para isso é necessária uma epoché, ou seja, suspender temporariamente o uso de “ferramentas” teóricas ou metodológicas que são oferecidas pelas ciências, dentre elas a própria fenomenologia.

A fenomenologia é a ciência do mundo da vida. Sokolowski (2010)

Goto (2008) tem se destacado como um dos autores centrais na retomada dos fundamentos da psicologia fenomenológica no país, dando destaque às suas relações com Edith Stein, discípula com quem Husserl manteve grande diálogo.

O vivido é a chave e a “doutrina” da própria existência. Ao psicólogo cabe desvelar os sentidos que estão encobertos no vivido. Assim, a psicologia clínica na perspectiva fenomenológica não está desvinculada do social⁴, ela é sempre ligada ao social, ao mundo da vida (HUSSERL, 2012/ GUIMARÃES, 2010).

O psicólogo deve possibilitar o desvelamento dos fenômenos, promovendo a saída da atitude ingênua, ou seja, levando o homem a assumir o absurdo e a responsabilidade da sua própria existência. A atitude transcendental possibilitará a saída da atitude ingênua imobilizando o homem diante das inconstância do mundo da vida contemporâneo.

2.3 O mundo, o dinheiro e o “mundo de endividados”.

O dinheiro sempre fez parte da vida do homem em sociedade.

⁴ Nesse sentido foi apresentado por Borba neste congresso comunicação oral que retrata essa discussão.

Inicialmente foram as trocas que legitimaram o acesso à ideia de valor, com a “invenção” e institucionalização da moeda, depois das cédulas de dinheiro, do cheque e por último dos cartões de débito e crédito.

A racionalização destes meios de pagamento foi impulsionada até à sua inclusão na lógica do “mundo virtual” e das tecnologias de comunicação. A junção de tecnologias da informação com tecnologias da comunicação tornaram o mundo do dinheiro, o mundo do crédito e o mundo do consumo portas de entrada para o mundo dos endividados.

Após o “sucesso” da lógica consumista como “estilo de vida” e do endividamento é percebido na naturalização dos estilos de vida, estilos de Ser, ser-para-o-consumo e ser-endividado são determinantes da sociedade capitalista. O consumista e o endividado acreditam que para serem socialmente aceitos é necessário ter e ao ter perdem-se no vazio da escolha, da preocupação e do sofrimento de ansiedade constante que os apelos de consumo e as dívidas lhe impõem.

O aumento do número de endividados e consumistas é um fenômeno cada vez mais evidente e comprovado pelas ciências de fato. Estas ciências buscam através das suas pesquisas explicar as “razões” do endividamento, do consumismo, desses novos estilos de Ser. Por optarem por “explicar”, não buscam (des) cobrir e (des) velar as razões que indicam a existência destes fenômenos, cabe então à Fenomenologia essa tarefa.

Instituições públicas como Banco Central, e instituições privadas como a Federação Brasileira de Bancos - FEBRABAM, Banco Itaú, as federações de comércio das cidades, os Clubes de Diretores Logistas – CDL’s, os bancos privados, as empresas de consignação, as administradoras de cartão de crédito e inúmeros outros órgãos do segmento privado, principalmente os comerciantes têm nestas

pesquisas o instrumento ideal para manter essa lógica instrumental e ampliar a Raça de Endividados.

Acredito que criamos uma **“Raça de Endividados⁵”**.

Raça que está comprometida com o uso de cartões de crédito e o refinanciamento de dívidas, o que indica também a necessidade de investigar o modo de ser do endividado, conhecendo o quê é que faz com que ele se endivide e qual o sentido tem o endividamento para ele. Não basta apenas parametrizar dados e buscar explicações naturalizantes.

Vejo que uma das respostas possíveis seja o acesso facilitado ao crédito e o interesse que as instituições financeiras, bancos e administradoras de cartão têm para que o consumidor continue devendo. Diferente de décadas anteriores, dever agora, pode ser desagradável para o consumidor, mas para estas instituições é um ótimo negócio. Diante deste cenário é que alguns órgãos de proteção e defesa do consumidor mostram-se preocupados com os problemas oriundos do sobreendividamento e inadimplência.

Os aposentados, idosos e servidores públicos são, em geral, os maiores atingidos pelo problema relacionados a endividamento e sobreendividamento advindo de consignações em folha de pagamento. Chegando, muitas vezes, ao que os juristas chamam de sobreendividamento ou endividamento crônico.

Marques (2006 apud Slomp, 2008, p. 113) afirma que o endividamento crônico ou superendividamento é: “a impossibilidade global de o devedor pessoa física, consumidor, leigo e de boa-fé, pagar todas as suas dívidas atuais e futuras de consumo (excluídas as dívidas com o Fisco, oriundas de delitos e de alimentos).”

⁵ Zygmunt Bauman utiliza o termo Raça de Devedores. Eu preferi chamar de raça de endividados em função da ligação direta com a cultura do endividamento e também pelos dados obtidos sobre endividamento.

Nesse caso, se o endividado está em situação crônica há que se compreender o quê e em que situações esse modo de ser se manifesta e, qual o sentido e o significado que ele tem para o ser-endividado endividar-se. Compreender o endividamento pessoal como campo de investigação da Psicologia Econômica foi o objetivo que Silva (2009) realizou em seu estudo fenomenológico para conhecer e compreender como o endividamento era tratado na literatura científica. Uma das conclusões da autora ao tratar da relação entre endividamento e consumismo é o fato de que endividar-se é aceitar para si a condição de ser-endividado de modo natural, ou seja, o endividado está diante da atitude natural e pensa “racionalmente” na sua vivência e nas pseudosoluções que lhe são apresentadas :

Na atitude natural digo: a solução é negociar as dívidas e propor uma reeducação ao ser que se endivida. Mas apenas renegociar a dívida e tentar conscientizar os sobreendividados ativos sobre a necessidade de manter um controle financeiro, em alguns casos, talvez não resolva esta situação, que pode ressurgir. Acreditamos que uma compreensão do significado do endividamento para aquele que vivencia isto, pode ajudá-lo a lidar com a situação.

Os próprios empresários do mercado de crédito e cobrança tomaram frente ao problema do endividamento e foram os primeiros interessados nesse fenômeno, ora para contê-lo e logo depois para dele tirar proveito como um negócio.

Talvez uma das respostas seja o acesso facilitado ao crédito e o interesse que as instituições financeiras, bancos e administradoras de cartão têm para que o consumidor continue devendo. Diferente de décadas anteriores, dever agora, pode ser desagradável para o consumidor, mas para estas instituições é um ótimo negócio. Diante deste cenário é que alguns órgãos de proteção e defesa do consumidor mostram-se preocupados com os problemas oriundos do sobreendividamento e inadimplência.

É preciso destacar que os aposentados, idosos e servidores públicos são, em geral, os maiores atingidos pelo problema relacionados a endividamento e sobreendividamento advindo de consignações em folha de pagamento. Chegando, muitas vezes, ao que os juristas chamam de sobreendividamento ou endividamento crônico.

Diante dos dados que são revelados nas pesquisas, nos jornais televisivos e nas entrevistas com endividados, em geral, posso inferir que o endividamento ocorre principalmente devido ao consumo além da capacidade de pagamento do consumidor, soma-se a isso o uso excessivo de financiamento facilmente obtidos em terminais de autoatendimento e do parcelamento em cartão de crédito. O parcelamento com cartão de crédito oferece valores mínimos ao usuário, que na hora de pagar a fatura é capturado pela ingenuidade e opta pelo parcelamento mínimo ou contrai nova dívida. A grande maioria da população não consegue quitar sua dívida inicial e arrola exponencialmente o seu débito com a administradora de cartão ou com a instituição financeira naturalizando o endividamento e o sofrimento dele oriundo.

No meio virtual existem vários estudos disponíveis que caminham na direção de comprovar a “propensão” ao endividamento.

Outros estudos são necessários para continuar este processo de (des) cobertura das intenções dos agentes do sistema capitalista que intencionam manter o ciclo de endividamento, assim como diretamente com o endividado para compreender as razões, dita por ele mesmo, em primeira pessoa, que o mantém em atitude ingênua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme já mencionei neste estudo, a relação do homem com o dinheiro e os seus subprodutos influi na construção da

subjetividade e das relações intersubjetivas que estabelecemos no mundo da vida. E estas relações indicam escolhas em relação ao modo de vida, ao modo de ser e estar no mundo.

Considero que há um caminho possível: aquele que alimenta sempre a escolha e a liberdade de poder tomar decisões pré-reflexivamente, bem como à tomada de consciência para assumir as responsabilidades pelas escolhas que se faz. Não há como se culpabilizar, nem o homem, nem o sistema, pois um está sempre em relação ao outro. Ambos se entrelaçam nesse emaranhado mundo de sentidos.

Procurei no decorrer deste texto ratificar a importância que a análise fenomenológica possibilitada pela fenomenologia husserliana, enquanto atitude e método de rigor, pode permitir ao investigador um outro olhar sobre as relações de consumo, que não seja aquelas marcadas, apenas pela judicialização, psicologização ou pela tecnificação destas.

É bem verdade que ao concluir este ensaio eu deixo mais questões e inquietações do que me coloco com a pretensão de apresentar respostas. Enquanto psicólogo, continuo pensando que devo contribuir com a saúde existencial daqueles com quem mantenho contato, por isso acredito ser esta a missão de uma psicologia contemporânea, que se preocupa mais com a saúde, a fim de evitar ainda o adoecimento existencial do homem contemporâneo. Ajudar, por meio da desnaturalização das culturas do consumo e do endividamento, o homem a encontrar o sentido de sua vida, pensar no seu projeto existencial e na sua responsabilidade no exercício da liberdade, possibilitando a ele um outro olhar sob as relações que mantém com o dinheiro, com o consumo e com o endividamento.

A proposta inicial deste texto, para efeito de recordação, teve como fio condutor a fenomenologia, a psicologia fenomenológica e as contribuições

de leituras que possam permitir compreender a vida contemporânea permeada pelos ideais de felicidade instantânea, consumismo exacerbado e sobreendividamento. Para tanto, reuni algumas reflexões que buscarem atender aos objetivos visados segundo minha ótica, mas devo confessar que usei e abusei do recurso da repetição. Fui e voltei intencionalmente a estes a fim de proporcionar ao leitor, um outro olhar, não naturalizante das culturas do consumismo e do endividamento.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Capitalismo Parasitário. Rio de Janeiro: Zarah, 2010.
- BORBA, Jean Marlos Pinheiro. Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.1-117 abr./set.2015. Disponível em: < <http://www.sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/index.html>>.
- _____. "Raça de Endividados": por uma psicologia da cultura do consumismo e do endividamento. Artigo norteador da conferência apresentada no dia 17 set. 2012, Hotel Rio Poty, em São Luís-MA, por ocasião da abertura da XIII Semana de Psicologia do UNICEUMA.
- _____. A "salvação" dos endividados: Literatura Financeira de "autoajuda" e Subjetividade na hipermodernidade. Rio de Janeiro, 2011 (Tese Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011).
- CNC. Pesquisa CNC - Endividamento e inadimplência do consumidor. abril, 2015.
- FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GUIMARÃES, Aquiles Côrtes. O Conceito de Mundo da Vida. Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p.1-150, abr./set.2012.
- GIORGI, Amedeo, SOUSA, Daniel. Psicologia Fenomenológica. In.: Método fenomenológico de Investigação em Psicologia. Lisboa: Fim de Século: 2010.
- GOTO, Tommy Akira. Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova Psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008. (Coleção Temas de Psicologia)
- HUSSERL, Edmund. A ingenuidade da ciência. Scientiæ Zudia , São Paulo, v. 7, n. 4, Dec. 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-
-
- Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p.1-158, out.2015/mar.2016 **157**

31662009000400008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 out. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000400008>.

_____. A crise das ciências europeias e a fenomenologia: uma Introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: GEN, 2012.

_____. A filosofia como ciência de rigor. Lisboa: Atlantida, 1965.

_____. Phenomenological Psychology: lectures, Summer semester, 1925. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1977.

PENNA, Antônio Gomes. Os filósofos e a Psicologia. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

SIMMEL, Georg. O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – fragmentos de uma filosofia do dinheiro (1898). In.: Filosofia do amor. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Tópicos)

SLOMP, Jerusa Zanandrea Formolo. Endividamento e Consumo. Revista das Relações de Consumo. Caxias do Sul: PROCON., 2008. Disponível em: <http://procon.caxias.rs.gov.br/site/_uploads/publicacoes/publicacao_4.pdf>. Acesso em: 14 set. 2012.

SOKOLOWSKI, Robert. Introdução à Fenomenologia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

STRUCHINER, Cinthia Dutra. Fenomenologia: de volta ao mundo-da-vida. Rev. da Abordagem Gestáltica, Goiânia, v.13, n.2, dez. 2007. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-0009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 fev. 2013.

Impressão e acabamento:

CPGRAF/SED
TRF 2ª Região